

Política, educação e religião no *Corpus Aristotelicum*

Edson Pereira Lopes*

Resumo

O pensamento grego influenciou profundamente a história do pensamento ocidental, de maneira que é praticamente impossível não utilizar termos, ideias e conceitos criados por Sócrates, Platão e Aristóteles. Este artigo tem como objetivo revisitar no *Corpus Aristotelicum*, principalmente nas obras *Política* e *Metafísica*, o pensamento de Aristóteles, com a finalidade de identificar sua concepção de política, discutida a partir dos que foram, pela natureza, destinados a governar, aos quais a família e o Estado devem prover educação e, por fim, demonstrar suas contribuições no campo religioso cristão.

Palavras-chaves: Política; Educação; Religião; Pensamento; Aristóteles.

Political, education and religion in the *Corpus Aristotelicum*

Abstract

Greek thought influenced the history of Western thought in a way that is practically impossible to not utilize terms, ideas and concepts created by Socrates, Plato and Aristotle. This article has as its objective to review the *Corpus Aristotelicum*, mainly in the *Metaphysical* and *Political* works of the thought of Aristotle with the purpose of identifying his concept of politics, discussed from the perspective of who were, by nature, destined to govern, and as such, who the family and State should educate and, finally, discuss contributions to the Christian religious field.

Keywords: Political; Education; Religion; Thought; Aristotle.

Política, educación y religión en el *Corpus Aristotelicum*

Resumen

El pensamiento griego influyó profundamente la historia del pensamiento occidental, de tal forma que es prácticamente imposible no usar términos, ideas y conceptos creados por Sócrates, Platón y Aristóteles. Este artículo tiene el objetivo de revisitar en el *Corpus Aristotelicum*, principalmente en las obras *Política* y *Metafísica*, el pensamiento de Aristóteles, con la finalidad de identificar su concepción acerca de la política, discutida a partir de

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. e-mail: enlopez@mackenzie.br .

los que fueron, por naturaleza, destinados a gobernar, a los cuales la familia y el Estado deben proveer educación. Todo ello para finalmente demostrar las contribuciones del referido pensador en lo tocante al ámbito religioso cristiano.

Palabras claves: Política; Educación; Religión; Pensamiento; Aristóteles.

Introdução

O pensamento de Sócrates, Platão, Aristóteles e dos gregos em geral em muito influenciou as formas de falar, agir e pensar da sociedade atual. Eles trataram de temáticas, tais como medicina, política, educação e religião, dentre outras, que até hoje são alvo de estudos e reflexões. Uma forma de comprovar isso é revisitando as ideias deles. Sendo assim, o presente artigo, delimitado às obras *Política* e *Metafísica*, de Aristóteles, aborda, a partir do conjunto de suas obras denominado *Corpus Aristotelicum*, os temas relativos à política, educação e religião.

1. Relevantes momentos da vida de Aristóteles

Aristóteles nasceu em Estagira, na região da Macedônia, no ano 384 a.C. e faleceu na cidade de Cálcis em 322 a.C.¹ Seu pai era Nicômaco, médico e amigo do rei da Macedônia, Amintas II. É provável que tenha herdado do pai o interesse pelas ciências naturais, além de, possivelmente, ter sido influenciado por Hipócrates, considerado o pai da medicina. Talvez aí esteja uma das várias explicações para sua inclinação às ciências naturais, que se tornaria um dos focos de sua obra. Foi um dos mais importantes filósofos gregos da Antiguidade, apesar de sua dificuldade em pronunciar corretamente as palavras. Isso com certeza deve lhe ter causado embaraço e mesmo complexos numa sociedade que, além de valorizar a beleza física e enaltecer os atletas, admirava a eloquência e se deixava conduzir por oradores.

Antiseri² afirma que Estagira ficava na Calcídia e, apesar de estar situada a 320 quilômetros³ de Atenas e em território macedônico, era tida como uma cidade grega. Entretanto, essa parecia ser uma questão não tão bem resolvida, visto que, após a morte de Platão em 347 a.C., apesar da destacada competência de Aristóteles – que o qualificava para assumir a direção da Academia –, seu nome foi preterido por ser considerado meteco pelos atenienses, isto é, pessoa estrangeira domiciliada numa cidade grega⁴, e Espeusipo, sobrinho de Platão, assumiu a direção da Academia⁵.

¹ HOURDAKIS, A. *Aristóteles e a educação*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 7-8.

² ANTISERI *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990, volume 1, p. 173.

³ DURANT, W. *História da Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1997, p. 69.

⁴ HOURDAKIS, 2001, p. 7.

⁵ ANTISERI, 1990, p. 173.

Provavelmente decepcionado com o episódio, deixou a Academia e partiu para Assos, na Mísia, Ásia Menor, onde permaneceu até 345 a.C. Ali, Hérmiás, antigo escravo e ex-integrante da Academia, havia se tornado o governante. Em Assos, Aristóteles fundou uma escola, como anexo da Academia, cuja finalidade era exercer influência sobre Hérmiás e conseguir aplicar a política platônica que lhe fora ensinada. Entretanto, três anos após a chegada dele, Hérmiás foi assassinado e Aristóteles levou consigo Pítias, a sobrinha do governante, com quem se casara.

Saindo de Assos, permaneceu dois anos em Mitilene, na Ilha de Lesbos, nos anos 344-343 a.C., onde se ligou a Teofrasto, seu aluno e com quem consolidaria os rumos do peripatetismo, que mais tarde seria seu sucessor na direção do Liceu. Ali se dedicou a pesquisa biológica⁶ e em 343/342 a.C. foi convidado por Felipe II, rei da Macedônia, para ser professor de seu filho Alexandre, na cidade de Pela. Luce⁷ afirma que como preceptor de Alexandre, Aristóteles compôs manuais para o aluno sobre a monarquia e a colonização. Durant⁸ descreve Alexandre nessa ocasião como um menino rebelde com treze anos, não se interessava pelos estudos, alcoólatra, epilético, cujo passatempo era domar cavalos indomáveis pelos homens adultos.

Apesar das dificuldades encontradas por Aristóteles com referência ao ensino a Alexandre, dali nasceu uma intensa amizade, a ponto de Plutarco afirmar: “Alexandre amava e venerava Aristóteles como se ele tivesse sido seu pai; dizendo que, embora tivesse recebido a vida de um, o outro lhe ensinara a arte de viver”⁹. Todavia, após a morte de Filipe II, ocorrida em 336 a.C., e a ascensão de Alexandre ao trono, a intensidade desse relacionamento foi interrompida¹⁰.

Entre os anos 335-334 a.C., Aristóteles retornou a Atenas, e ocorreram dois fatos importantes e decisivos em sua vida: a morte de Pítias e seu casamento com Herfílis, que lhe dera o filho Nicômaco; e a fundação de sua escola, Liceu, nome que homenageava o deus Apolo Lício. À semelhança da Academia, o Liceu ocupava o local de um ginásio a certa distância das muralhas de Atenas e seus seguidores vieram a ser conhecidos como peripatéticos, pois caminhavam de um lado para o outro enquanto faziam suas preleções¹¹. No Liceu ensinou durante doze anos, até que em 323 a.C., após a morte de

⁶ ANTISERI, 1990, p. 174.

⁷ LUCE, J.V. *Curso de Filosofia Grega do Séc. VI a.C. ao Séc. III d.C.* 11ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 113.

⁸ DURANT, 1994, p. 71.

⁹ Idem, p. 71.

¹⁰ HOURDAKIS, 2001, p. 8.

¹¹ LUCE, 1994, p. 114.

Alexandre, os sentimentos antimacedônicos ganharam grande intensidade em Atenas e por causa de sua ligação com a corte macedônica passou a ser perseguido. Foi então que decidiu abandonar Atenas e afirmou que desejava evitar que os atenienses “pecassem duas vezes contra a filosofia”¹².

O Liceu não era uma réplica da escola de Platão, antes ela se contrapunha à Academia, que focava a matemática, a filosofia especulativa ou abstrata e a política¹³; o Liceu, por outro lado, tendia às ciências naturais. Suas coleções iam a cada ano sendo enriquecidas graças à Alexandre, o Grande, que colocou à disposição de Aristóteles mil homens com a incumbência de fazer a coleta de material zoológico, botânico, mapas e manuscritos para as pesquisas¹⁴, além do envio de espécimes da fauna e flora das diferentes e distantes terras conquistadas por ele¹⁵.

2. Influências do *Corpus Aristotelicum* no pensamento humano

Com o apoio de Alexandre, os próprios meios financeiros e o casamento com Herfílis, filha de um dos mais poderosos homens públicos da Grécia, as contribuições e pesquisas de Aristóteles foram imensas, o que resultou em centenas de escritos, daí certos autores antigos lhe atribuírem à autoria de “quatrocentos volumes, outros de mil e o que resta é apenas uma parte, constituindo, no entanto, uma biblioteca completa”¹⁶.

No estudo do *Corpus Aristotelicum* percebem-se dois públicos-alvos. Os escritos *exotéricos* foram endereçados ao público em geral, os “de fora” da escola, redigidos em forma dialética. Já os escritos *esotéricos*, de caráter filosófico ou científico, foram destinados apenas aos discípulos, constituindo-se em patrimônio interno da escola¹⁷.

O conteúdo do *Corpus Aristotelicum* pode seguir a seguinte distribuição:

1. Trabalhos que tratam da lógica, os quais incluem: *Categoria* (estuda os elementos do discurso e os termos da linguagem); *Tópicos* (expõe um método de argumentação geral, que pode ser aplicado tanto nas discussões práticas quanto no campo científico); *Análíticos Primeiros* e *Segundos* (ocupam-se do raciocínio formal ou silogismo); *Argumentos sofisticos* (complementam os *Tópicos* e investigam os tipos principais de argumentos capciosos e sofismas); *Sobre a interpretação* (trata do juízo e da propo-

¹² Op. cit., p. 114.

¹³ ANTISERI, 1990, p. 174.

¹⁴ DURANT, 1997, p. 73.

¹⁵ LUCE, 1994, p. 114.

¹⁶ DURANT, 1997, p. 74.

¹⁷ ANTISERI, 1990, p. 175.

- sição); e *Retórica* (vinculada aos *Tópicos*). Esses escritos foram reunidos e editados mais tarde pelo peripatéticos sob o título geral de *Organon*.
2. Obras dedicadas ao estudo da natureza, conhecidas como científicas. Elas incluem discussões como as da *Física* (examina conceitos gerais relativos ao mundo físico: natureza, movimento, infinito, vazio, lugar, tempo); *Sobre o Céu*; *Sobre a Geração e a Corrupção* (estudos que incluem o mundo sideral e o sublunar); *Meteorologia* (estudos relativos aos fenômenos atmosféricos); *História dos animais* (contém o registro de múltiplas e minuciosas observações dos seres vivos e da geração dos animais); *Sobre a Alma* (tratados quanto às diferentes funções da sensação, da memória e da respiração, dentre outros); e *Poética* (só restaram fragmentos).
 3. Os trabalhos mais estritamente filosóficos: a) *Ética*, com destaque para *Ética a Nicômaco* (assim denominada pois seu filho foi quem primeiro a editou), para *Ética a Eudemo* (considerada a mais antiga obra de Aristóteles que trata da *Ética* e assim denominada em virtude da primeira edição feita por seu discípulo Eudemo de Rodes); e para *Grande moral* (resumo da *Ética*, feita em época posterior); b) *Política* (conjunto de oito livros com a ausência de alguns trechos); e c) *Metafísica* (são catorze livros que tratam dos primeiros princípios e as primeiras causas, denominados também de *Primeira filosofia*).

A partir de suas pesquisas, ele criou termos para as ciências e a filosofia que até os dias de hoje são utilizados, dentre os quais destacam-se: médicos, membros do corpo, são de corpo, órgãos, estado físico, diagnose, diagnóstico, doente, remédios, terapia, terapêutica, saúde, organismo vivos, animal, anatomia humana, fraqueza, impotência, cuidados, alegria, tristeza, tratamento, dieta, regime alimentar, alimentação, mudança, potencialidade, energia, saúde de espírito, psíquico, vida calma, equilíbrio, tempo, gênese, necrose, matéria, forma, gravidez, corrupção¹⁸.

À luz do exposto, pouco se pode pensar nas mais diversificadas áreas do saber humano sem empregar conceitos, termos e ideias inventados por Aristóteles. Sendo assim, após concepção geral do *Corpus Aristotelicum* é mister focar atenção nas abordagens propostas por ele que tratam da política, da educação e da religião.

3. Destinados pela natureza ao governo

Aristóteles afirmava ser o homem, por natureza, um “animal social”¹⁹ e para sobreviver não poderia se isolar de seus semelhantes. Por isso o Estado é um relevante conceito no pensamento aristotélico já que, em seu modo

¹⁸ HOURDAKIS, 2001, p. 10-11.

¹⁹ ARISTÓTELES. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 125.

de pensar, ele antecede ao indivíduo e à família²⁰ e tem como finalidade a felicidade dos seus cidadãos²¹. Hourdakís²², ao discutir a relação entre educação e a Cidade-Estado, pontua que para Aristóteles a comunidade política é considerada um organismo vivo, criada com um duplo fim: por um lado, para assegurar mais facilmente aos homens o que é necessário à vida; e, por outro, para que eles tenham uma vida intelectual e moral melhor e sejam felizes.

Por conseguinte, a vida do homem – e, conseqüentemente, sua felicidade – é indissociável da comunidade política. É a partir desse princípio que todos devem realizar suas atividades reflexivas e práticas no interior da comunidade política, na busca de um Estado melhor e mais saudável; é a partir dessa perspectiva que ele discute a democracia, a oligarquia e a aristocracia. Ele assinala que há sempre interesses com a manutenção do poder em qualquer forma de governo, e o problema gerador dessa luta está na pobreza e na riqueza. Por exemplo, a aristocracia pode se preocupar apenas com o interesse dos ricos; já a democracia surge quando os pobres chegam ao poder²³, e nessa condição podem formar uma oligarquia, aristocracia ou qualquer outra forma de manutenção do poder.

Apesar de suas considerações, Aristóteles demonstra princípios positivos e negativos em todas as formas de governo; o que deve ficar claro é que qualquer governo deve buscar a felicidade dos cidadãos, e para que isso aconteça os mais preparados é que devem exercer o governo²⁴. Na discussão da política, opõe-se a Platão ao estimular a propriedade privada e pontuar que elas deveriam ser distribuídas somente aos cidadãos, os quais são definidos como “aqueles que possuem participação legal na autoridade deliberativa e na autoridade judiciária”²⁵. Trata-se de certo número de pessoas que podem ser juizes e magistrados, que detêm algum poder²⁶. Como justificativa ao seu modo de pensar, afirmava: “Aquilo que pertence ao maior número de pessoas recebe o mínimo de atenção. Cada qual pensa, principalmente, no seu próprio interesse, quase nunca no interesse público”²⁷. Nesse mesmo contexto, Aristóteles criticou os negócios feitos em sociedades:

20 ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Abril Cultural, 2002, p. 15.

21 ARISTÓTELES, 2002, p. 94.

22 HOURDAKIS, 2001, p. 18-19.

23 ARISTÓTELES, 2002, p. 90-91.

24 ARISTÓTELES, 2002.

25 ARISTÓTELES, 2002, p. 79.

26 Op. cit., p. 80.

27 ARISTÓTELES, 2002, p. 48-52.

Sempre há dificuldade em viver junto ou ter coisa em comum, mas especialmente, em ter propriedade em comum. As associações de companheiros são ótimo exemplo, porque, de maneira geral, elas se desfazem pelo caminho e eles discutem por qualquer ninharia. Isto ocorre, pois, os homens são maus desde a natureza. A maioria dos homens é formada por estúpidos e vagabundos naturais; em qualquer sistema, esses homens irão para o fundo [...] ajudá-los com subsídios do Estado é “como despejar água em um tonel furado” [...]. Essas pessoas devem ser governadas na política e comandadas na indústria; com o seu consentimento, e se possível, e sem ele se necessário.²⁸

Ao considerar o estímulo à propriedade privada e sua definição de “cidadãos”, ele dividiu a comunidade política em duas classes: os que a natureza (*physis*), desde o nascimento, destinou-os a mandar e a governar; e outros destinados, pela natureza, à servidão, pois para “eles não há nada mais simples do que obedecer”²⁹ [...] ou ainda “para eles é proveitoso e justo viver como servos”³⁰. Dentre os que a natureza destinou a obedecer estão as mulheres e os filhos: “de modo natural, o homem é destinado a mandar e a mulher executar o que ele prescreve”³¹. Assim, ela é uma espécie de homem incompleto³² ou inacabado, deixada num degrau inferior da escala do desenvolvimento. Isso é percebido em Durant ao fazer a hermenêutica das palavras de Aristóteles citadas acima: “O macho é, por natureza, superior, e a fêmea inferior; um governa, e outra é governada”³³. Aristóteles³⁴ acentuou o princípio de que as mulheres não deveriam se igualar aos homens, por isso faz menção às palavras de Sófocles, o qual afirma que o silêncio é a glória da mulher: “Um silêncio modesto acrescenta aos seus encantos”³⁵.

Na temática dos que foram destinados ao governo, uma das discussões mais relevantes na compreensão do pensamento político de Aristóteles é referente à natureza (*physis*). Segundo ele, esta é quem destina os que devem governar e os que devem ser governados, os destinados à servidão. Os destinados ao governo são os nobres, os quais foram dotados pela natureza para essa função. Vergnières³⁶ afirma que para Aristóteles só o nobre é digno

²⁸ Op. cit., p. 56-61, 121.

²⁹ Idem, p. 17-19.

³⁰ Idem, p. 17-19.

³¹ Idem, p. 31, 33.

³² Idem, p. 34.

³³ DURANT, 1996, p. 97.

³⁴ ARISTÓTELES, 2002, p. 48, 62.

³⁵ Op.cit., p. 34.

³⁶ VERGNIÈRES, Solange. *Ética e política em Aristóteles: physis, ethos, nomos*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 16-17.

de formação, porque ele foi capacitado pela natureza para isso. “Os outros podem, no máximo, receber um ensino artificial que lhes dará excelência fictícia”. Portanto, é possível o ensino de saberes ou de técnicas que se pode inculcar, a partir do exterior do indivíduo; todavia, ele jamais alcançará a excelência do conhecimento, já que não é dotado para isso.

Pode ocorrer que alguém seja dotado pela natureza ao governo, mas não ter consciência desse fato. É possível ainda que ele possua as condições de colaborar para a benesse do Estado, mas não tem maturidade ética. Ocorre ainda um terceiro fator: há diferenças individuais importantes que vêm da natureza, e, portanto, nem todos são receptivos da mesma maneira à educação. Para solucionar essas ocorrências são necessários dois complementos à natureza - um referente ao matrimônio e à procriação e o outro pelo hábito, que se fundamenta na educação.

Já que na concepção aristotélica a natureza é anterior à educação e apenas os nobres são destinados a governar, infere-se que o primeiro dever do legislador é garantir às crianças condições para fazerem despontar suas aptidões naturais. Entretanto, nem sempre a natureza consegue seu intento com frequência: “A natureza bem que o deseja – inúmeras vezes – porém ela nem sempre pode aquilo que quer”³⁷. Por essa razão há necessidade de complementar a natureza com certos princípios reguladores, que antecedem o nascimento, isto é, quando se pretende a união conjugal, visto que os pais têm uma decisiva participação nos dotes naturais e pela vida saudável dos filhos: “[...] um homem de virtude somente nascerá de pais virtuosos”³⁸.

3.1. A união conjugal como complemento à natureza dos destinados ao governo

É com esse pressuposto que Aristóteles³⁹ apresenta princípios que tratavam da união conjugal, da seguinte maneira:

- *A idade apropriada para a união conjugal.* O casamento deveria ocorrer na época do inverno e a idade para sua realização deveria ser fixada aos 37 anos para os homens e 18 para as mulheres. A justificativa para essa faixa etária consistia no princípio de que essa era a época de máximo vigor de ambos e os filhos nasceriam saudáveis e robustos. Ficava estabelecido que o homem até os 70 anos poderia ter filhos e para as mulheres a data-limite era a de 50 anos.

³⁷ ARISTÓTELES, 2002, p. 20.

³⁸ Op.cit, 2002, p. 20.

³⁹ Op.cit., p. 148-153.

- *Controle da natalidade e filhos deformados.* Se certos matrimônios fossem por demais fecundos, se a população crescesse rapidamente, se tivessem conhecimento de que um feto pudesse ser deformado, estes, após nascidos, deveriam ser privados das nutrições e abandonados. Já que não poderiam existir muitas pessoas sob o cuidado do Estado, Aristóteles era a favor do aborto, o qual deveria ser provocado antes que houvesse começado o sentir e a vida, pois do contrário se configuraria crime: “é necessário provocar o aborto antes que o feto adquira animação e vida”⁴⁰.
- Após tratar da união conjugal e do controle da natalidade – princípios que deveriam ser observados quando a pretensão fosse obter os que foram destinados, naturalmente, ao governo –, Aristóteles explicita como as crianças devem ser tratadas após seu nascimento:
- *Regime alimentar.* Para ele, o regime alimentar traz grande diferença para o vigor dos seus corpos: “a alimentação mais propícia ao corpo é o leite”⁴¹.
- *Conceder toda a liberdade que se pudesse permitir à criança.* Ela deveria se movimentar constantemente para que não sofresse nenhuma deformação, e para isso era necessário acostamá-la ao frio desde a primeira idade.
- *Até os cinco anos não deveria se dedicar aos estudos nem aos trabalhos pesados para que não interrompesse o crescimento.* O melhor a fazer nessa faixa etária é a atividade e o exercício, desde que não seja cansativo ou de exagerada facilidade. Não deveria proibir os gritos e choros das crianças. Isso fazia parte do desenvolvimento, além de ser um exercício para os órgãos físicos. Os pais deveriam afastar das crianças dessa idade a indecência, os vícios e as representações e pinturas obscenas. Quando elas chegassem aos cinco anos, deveriam por dois anos (até os sete) ser espectadores nos exercícios que teriam de aprender depois. Do período inicial da idade da vida aos sete anos, as crianças deveriam ser educadas na casa dos pais.

Está claro que a união conjugal planejada é um complemento à natureza decisivo na capacitação dos que foram destinados ao governo⁴². No mesmo contexto, a educação é concebida em Aristóteles como um complemento à natureza dos destinados ao governo.

⁴⁰ ARISTÓTELES, 2002, p. 148.

⁴¹ Op.cit, p. 151.

⁴² VERGNIÈRES, 1998, p. 81.

3.2. Educação como complemento à natureza dos destinados ao governo

Dois são os períodos em que se pode falar em educação das crianças: de sete anos à adolescência e da adolescência até vinte e um anos. Para Aristóteles⁴³, os princípios educacionais atenienses, fundamentados nas disciplinas de gramática, ginástica, música e desenho, traziam dificuldades em se saber quais os conteúdos necessários para que o jovem atingisse a virtude e a vida perfeita: “Não se conhece bem se é conveniente ocupar-se da inteligência ou das qualidades morais”⁴⁴. Por essa razão, ele destacou alguns que norteariam a educação⁴⁵:

- *Os Estados deveriam prover educação.* Ele reconhecia que muitos Estados que relegaram a educação foram grandemente prejudicados, por isso um dos principais papéis do legislador era provê-la: “Não haverá quem conteste, portanto, que a educação dos jovens precisa ser um dos objetivos principais por parte do legislador”⁴⁶.

Aristóteles criticava os pais que enviavam os filhos a usufruírem uma educação particular porque defendia a educação da seguinte maneira: “Como existe, porém, uma finalidade única para a cidade, conclui-se que a educação também deve ser única para todos”⁴⁷.

- *A finalidade da educação.* A educação deveria se preocupar fundamentalmente com a virtude, o pensamento e a liberdade. Ele criticava a arte mecânica e quaisquer outras ciências que impossibilitavam os homens a desenvolverem tais valores: “[...] deve-se julgar como mecânica toda a arte, toda a ciência que impossibilita [...] a prática da virtude [...] o pensamento nem liberdade nem dignidade”⁴⁸. Para ele, a educação não deveria visar só à utilidade das coisas, esta só apareceria em segundo lugar; a prioridade seria a virtude ou a honra⁴⁹.

Aristóteles não se preocupava em apresentar uma nova matriz curricular, mas não se pode omitir sua discussão quanto à utilidade da música e alguns instrumentos musicais. Estes deveriam ser deixados de lado quando se tratasse

⁴³ ARISTÓTELES, 2002, p. 156.

⁴⁴ Op.cit, p. 156.

⁴⁵ Ibid., p. 155-170.

⁴⁶ Idem, p. 155.

⁴⁷ Idem, p. 155.

⁴⁸ Idem, p. 156.

⁴⁹ Idem, p. 160.

de educação dos que foram, por natureza, destinados ao governo. Ele duvidava se ela deveria fazer parte da educação, haja vista que era utilizada para a distração e a busca do prazer⁵⁰. Por outro lado, reconheceu sua influência sobre os jovens. Entretanto, o foco devia ser educacional e não o prazer em si mesmo, que tornasse o jovem inteligente. Assim, ele descartava o uso da flauta: “Não se deve introduzir na educação as flautas e os instrumentos construídos com arte, como a cítara [...] porém somente os que tornarão os jovens ouvintes inteligentes”⁵¹.

Está explicitada, portanto, a relevância de Aristóteles nos conceitos e ideias enraizadas no pensamento humano. Como não poderia deixar de ser, ele proveu termos religiosos que até a atualidade são utilizados pelo cristianismo, o que demonstra sua influência na história do pensamento cristão.

4. Conceitos religiosos de Aristóteles que influenciaram o cristianismo

Para demonstrar essa influência, é necessário delimitar a reflexão no texto de *Metafísica*, a qual, conforme visto, está constituída de 14 livros. É preciso pontuar que há um intenso debate quanto ao título dado a tal obra. No século XIX e nos primeiros decênios do século XX, os estudiosos concordavam que o título foi encontrado pela primeira vez em Nicolau de Damasco, o qual viveu na época de Augusto, contemporâneo de Andrônico de Rodes, o editor das obras de escola de Aristóteles. Portanto, o título deve ter surgido no século I a.C., dado que “não são encontrados traços do título *Metafísica* antes de Nicolau [...] e também a Andrônico”⁵²; antes o texto foi conhecido como “Filosofia Primeira”.

Entretanto, uma das razões pelas quais se resolveu manter o título *Metafísica* foi que tanto um termo como outro podem ser utilizados como sinônimos no pensamento aristotélico, como afirma Reale⁵³: “as coisas que estão acima das físicas, ou seja, além delas, e que, portanto, podem muito bem ser qualificadas de meta-físicas”.

O termo metafísica é conceituado na obra de Aristóteles como a “ciência ou conhecimento das causas e dos princípios primeiros ou supremos”⁵⁴. Nessa definição se percebe que o foco não está apenas no saber que algo

⁵⁰ Idem, p. 162, 163.

⁵¹ ARISTÓTELES, 2002, p. 165,166.

⁵² REALE, 2001, p. 27, 28.

⁵³ Op.cit., p. 28.

⁵⁴ ARISTÓTELES *Metafísica*. Edição trilingue por Valentin Garcia Yebra, 2 vol, Madrid Gredos, 1990, p. 13.

existe, mas em se descobrir o *porquê* existe. Reale assinala: “Todos os seres humanos são capazes de saber (quando ocorre) que ocorre um eclipse [...] poucos são capazes de saber *por que* ocorre esse eclipse”⁵⁵. Isso significa que o primeiro tipo de saber limita-se à verificação empírica, à constatação de a coisa ser; já o real conhecimento ou ciência alcança o porquê e a razão de ser da coisa. “Portanto, quem possui a ciência não só sabe que as coisas são de determinado modo, mas sabe, particularmente, por que são daquele modo determinado e não de outro”⁵⁶.

A partir desse pressuposto é que Reale, ao concordar com Michelet⁵⁷, compreende a metafísica como a ciência que se preocupa com o porquê último das coisas; é a ciência das razões supremas da realidade e que, por isso, pode ser interpretada como ciência divina ou teológica:

Aristóteles diz inclusive – ciência *divina*: em primeiro lugar, porque é ciência de Deus (Deus é, de fato, o supremo dos princípios e a primeira das causas), e, em segundo lugar, porque, se por acaso alguém possui esta ciência em sua perfeição e completude, este só pode ser o próprio Deus⁵⁸.

O próprio Aristóteles assinala que “ciência divina” é uma das possíveis definições de sua metafísica:

Esta, de fato, entre todas as ciências, é mais divina e mais digna de honra. Mas uma ciência só pode ser divina nos dois sentidos seguintes: a) ou porque ela é ciência que Deus possui em grau supremo; b) ou porque ela tem por objeto as coisas divinas [...] De fato é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio, e, também, que Deus, exclusivamente ou em sumo grau tenha esse tipo de ciência. Todas as outras ciências serão mais necessárias do que esta, mas nenhuma lhe será superior⁵⁹.

As afirmações acima elucidam que uma das definições para metafísica é “teologia”, uma vez que Aristóteles a conceitua como “teoria de Deus” ou “ciência divina”⁶⁰. É a partir desse contexto que se ressalta a teoria da substância que é o coração da *Metafísica*⁶¹, e ao se refletir no termo nota-se que ele foi

⁵⁵ REALE, 2001, p. 37-38.

⁵⁶ REALE, 2001, p. 38.

⁵⁷ MICHELET, K. L. – *Examen crítico de la metafísica de Aristóteles*. Buenos Aires: Ediciones Imán, S.D, p. 222.

⁵⁸ REALE, 2001, p. 39.

⁵⁹ ARISTÓTELES, 1990, p. 566.

⁶⁰ Op. cit., p. 566.

⁶¹ Ibid., p. 532-597.

importante para alguns momentos do Cristianismo, sobretudo nos Concílios de Nicéia, Constantinopla e Calcedônia nas controvérsias trinitaristas.

O termo substância, em latim *substantia* e em grego *hypostasis* ou *ousia*, pode ser traduzido por “natureza essencial”, “essência”, e parece ter tido origem no pensamento de Platão; todavia, segundo Burke⁶², “foram os critérios aristotelianos da substância que formaram o desenvolvimento cristão do referido conceito”. Burke pontua que das várias definições de “substância” feitas por Aristóteles, aquela que era usada de modo mais geral durante o período patrístico foi a de “substrato”: “Para Tertuliano, Basílio e o Credo de Nicéia, por exemplo, o Pai era substrato comum do Filho e do Espírito Santo. Assim foi evitado o problema de essa substância existir separadamente da Trindade como uma quarta entidade divina”⁶³. Agostinho e os concílios posteriores definiram a questão ao assinalarem que a “substância” da Deidade não derivava de uma origem externa, mas da constituição eterna da própria Trindade.

Outro princípio de Aristóteles que influenciou o pensamento dos pensadores cristãos é referente à tratativa do substantivo *soma* (corpo e alma). Em sua concepção, a psicologia tem como finalidade estudar a teoria da alma. “Alma”, para ele, é todo princípio vital de qualquer organismo, a soma de seus poderes e processos. Nas plantas, trata-se meramente de uma força nutritiva e reprodutora; nos animais, é também uma força sensitiva e locomotora; no homem, é a força da razão e do pensamento. Ela é vista como a soma das forças do corpo e não pode existir sem ele. Além disso, uma parte da alma humana é passiva: está vinculada à memória e morre com o corpo; mas a razão ativa, o puro poder de pensamento, é independente da memória e não é tocado pela decadência ou morte, portanto imortal⁶⁴.

Para Platão, a preocupação tinha como foco a alma e o corpo era visto como obstáculo; já Aristóteles assinalou que o homem difere dos animais por ser composto de corpo e alma. Uma das crenças fundamentais do cristianismo é a ressurreição do corpo, e segundo essa crença, o ser humano só é completo e feliz se estiver composto de corpo e alma. Calvino, ao comentar o texto paulino em sua primeira carta aos Coríntios, capítulo 15, afirma:

Alguns fanáticos concluem deste versículo que não pode haver vida alguma no período intermediário de tempo entre a morte e a ressurreição. Refutar seu absurdo, porém, não é algo por demais difícil. Pois, embora as almas dos mortos estejam agora vivas e felizes no bem-aventurado repouso, todavia a plenificação de sua felicidade e consolação depende unicamente da ressurreição.⁶⁵

⁶² BURKE, G.T. Substância. In *Enciclopédia histórico-teológica*. São Paulo: Vida Nova, vol. 3, 1990, p. 421.

⁶³ BURKE, 1990, p. 422.

⁶⁴ ARISTÓTELES, 1990, p. 4-5.

⁶⁵ CALVINO, J. *Comentário à Sagrada Escritura*. Gálatas. São Paulo: Paracletos, 1996, p. 458.

Por conseguinte, a filosofia aristotélica, a qual apregoou ser o homem composto de corpo e alma, somada à crença escatológica da ressurreição do corpo, no texto em destaque, reforça a percepção da influência do seu pensamento nas reflexões religiosas do cristianismo.

Observa-se ainda a influência de Aristóteles no cristianismo em suas concepções do Ser Divino, as quais compreendem: autoexistência; ser incorpóreo, indivisível, sem espaço, assexuado, sem alteração, perfeito e eterno e a causa final da natureza, o impulso e o propósito das coisas, a forma do mundo; o princípio da vida deste mundo, conforme suas próprias palavras: “Afirmamos, portanto, que Deus é eterno, de sorte que Deus tem vida e duração eterna; pois Deus é isto”⁶⁶.

Se tais palavras forem apresentadas sem o crédito a Aristóteles é possível que o leitor desavisado diga que foram proferidas por algum teólogo e não pelo citado filósofo. Portanto, não é de se admirar que Aristóteles, conforme Brown⁶⁷, tenha se tornado um dos filósofos mais importantes da Idade Média, com “muitas das suas obras traduzidas para o Latim no século XII”.

Considerações finais

Ao revisitar o *Corpus Aristotelicum* ficou explicitado quão importantes foram as contribuições de Aristóteles para a história do pensamento ocidental, de maneira que muitos dos seus conceitos, ideias e termos são utilizados na atualidade. Após concepção geral do *Corpus Aristotelicum*, destacaram-se as obras *Política* e *Metafísica*, as quais permitiram compreender que só é possível pensar na educação em Aristóteles a partir de sua concepção política, isto é, apenas os que foram destinados pela natureza (*physis*) ao governo deveriam ser educados. É na mesma perspectiva que a união conjugal precisaria ser vista: os pais deveriam ter saúde perfeita para gerarem bons governantes.

Por fim, ficou claro que não só as questões políticas e educacionais foram tratadas por Aristóteles, mas também as religiosas. Ele legou ao campo religioso – sobretudo ao Cristianismo – termos, conceitos e pensamentos utilizados nas discussões teológicas da atualidade.

Referências

- ANTISERI. *História da filosofia*. 3 volumes. São Paulo: Paulus, 1990.
 ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
 _____. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
 _____. *Metafísica*. Edição trilingue por Valentin Garcia Yebra. 2 volumes. Madrid: Gredos, 1990.

⁶⁶ ARISTÓTELES, 1990, p. 625.

⁶⁷ BROWN, C. *Filosofia e fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 15.

- _____. *Política*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BARKER, S. E. *Teoria política grega*. Platão e seus predecessores. Brasília: UNB, 1978.
- BROWN, C. *Filosofia e fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- BURKE, G.T. Substância. In *Enciclopédia histórico-teológica*. Volume 3. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- CAIRNS, E.E. *Cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- CALVINO, J. *Comentário à Sagrada Escritura*. Gálatas. São Paulo: Paracletos, 1996.
- CORÍNTIOS (1) in *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica, 1993.
- DURANT, W. *História da Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1997.
- HENDRIKSEN, W. *Comentário do Novo Testamento*. Mateus. São Paulo: CEP, 2001.
- HOURDAKIS, A. *Aristóteles e a educação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LUCE, J. V. *Curso de Filosofia Grega do Séc. VI a.C. ao Séc. III d.C.* 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- MICHELET, K. L. *Examen crítico de la metafísica de Aristóteles*. Buenos Aires: Ediciones Imán, s/d.
- REALE, G. *História da filosofia antiga*. Volume 1. São Paulo: Loyola, 1993.
- VERGNIÈRES, S. *Ética e política em Aristóteles: physis, ethos, nomos*. São Paulo: Paulus, 1999.